

A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: Literatura e Influências.¹

Renata Cerqueira Barbosa
Doutoranda – Unesp/Assis. Bolsista FAPESP

Ao considerar o significado das maneiras como a literatura romana foi interpretada na Inglaterra é importante ter em mente o contexto europeu desta experiência inglesa. Sabemos que a construção do passado nunca foi uma atividade imparcial. Roma teve um lugar especial na definição da história e do pensamento europeu. A elite de várias nações ocidentais, durante os séculos XVI ao XX, usou a imagem de Roma com o fim de ordenar caminhos para o desenvolvimento da educação, arte, arquitetura, literatura e política. Alguns trabalhos populares vitorianos ou do início do século XX sugeriam que os romanos clássicos deixaram para os ingleses uma civilização que se dirigiu quase que diretamente para o estado moderno inglês. Partindo deste pressuposto, o objetivo deste trabalho é analisar como os vitorianos interpretaram e incorporaram a sexualidade romana, bem como, a conduziram no que diz respeito à construção de uma moral sexual no período, através da leitura das obras de Ovídio, poeta latino do século I d.C. o qual teve muita repercussão em seu momento histórico. Dentre suas obras, a *Ars Amatoria* se destaca, por pregar a idéia de que o prazer sexual entre homens e mulheres, para ser plenamente satisfatório, deveria ser mútuo, e a relação, livre e espontânea por ambas as partes. No entanto, Ovídio foi uma referência não assumida entre os vitorianos, justamente pelo fato do século XIX estar marcado por uma necessidade de controle da conduta sexual. Este controle insere-se no contexto de uma nação que vive um momento de mudanças devido a crescente industrialização e logo ao descontrole populacional desencadeado por fatores sociais, econômicos e imperialistas. A literatura vitoriana se caracteriza em parte pela produção de romances e biografias moralizantes, fato este que exclui Ovídio do modelo de um herói que deveria ser exaltado.

Impressões de horror ou de admiração, medo e alegria foram comuns entre os descobridores da Londres vitoriana. Há um conjunto de valores que alguns autores qualificam de puritanos, outros de moralistas, que correspondem nas classes médias, a uma herança de dois séculos. Figuram em primeiro lugar o espírito de economia, a dedicação ao trabalho, a extrema importância atribuída a moralidade e também há uma

¹ Este trabalho é parte do projeto de doutorado desenvolvido na UNESP/Campus Assis, sob a orientação do Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr. e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Andréa L. Dorini Rossi.

preocupação muito atenta com os deveres da fé. Por outro lado, para uma sociedade movida pelo espírito de progresso, acrescenta-se uma sede de saber e de entusiasmo crescente por todas as inovações técnicas. Neste contexto, a pobreza é freqüentemente ligada ao vício, à preguiça, aos excessos: daí uma grande rigidez quando se trata de ajudar os carentes, uma caridade limitada a casos individuais. Com a repulsa ao vício toca-se no grande tabu vitoriano: o sexo, e conseqüentemente a família.

A partir do século XIX, o sexo passa a ser discutido pela medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais. De acordo com Foucault, todos esses controles que se desenvolveram no final do século passado e filtraram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, com o intuito de proteger, separar, prevenir, solicitando diagnósticos, organizando terapêuticas em torno do sexo, eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele. O cotidiano da sexualidade aldeã e os ínfimos deleites campestres tornaram-se a partir de certo momento, o objeto não somente de uma intolerância coletiva, mas de uma ação judiciária, de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma elaboração teórica. (FOUCAULT, 1988, pp.32-33.)

A sexualidade reprimida também acarretava outras conseqüências. A compensação proposta aos desejos insatisfeitos e às energias recalcadas podia ser o trabalho, o serviço prestado aos outros - inclusive ao estado - o entusiasmo pelas explorações, pelas viagens e até pela conquista. A sexualidade não é "uma realidade biológica imutável ou uma força natural universal, mas antes o resultado de um processo político, social, econômico e cultural". (WALKOWITZ, 1991, p. 404.) Ou seja, a sexualidade tem uma história. Enquanto certos padrões de comportamento e de significação prevaleceram durante muito tempo, outras práticas manifestam uma variabilidade considerável. Mesmo a proibição do incesto, supostamente a pedra de toque dos tabus sociais, expandiu e estreitou de forma muito variável os limites das relações sexuais permissíveis no decurso da história européia.

As culturas sexuais do século XIX exemplificam o caráter socialmente construído da sexualidade. A sexualidade do século XIX era um terreno de viva contestação, onde se jogavam, tanto em privado como em público, conflitos de classe, étnicos e de sexo. Através de pânico moral, de escândalos sexuais e de medidas legislativas, diversos grupos sociais e interesses profissionais tentaram alargar a sua

autoridade política e cultural. Ao mais alto nível público, homens e mulheres participaram em lutas que contribuíram também para redefinir a sua identidade e subjetividade mais privada. (WALKOWITZ, 1991, p.403.)

Quando os vitorianos falavam de sexo, referiam-se, sobretudo ao perigo sexual, à proliferação de práticas sexuais fora da santidade do lar, desligadas do ato procriador. No entanto, esta explosão discursiva estava também ligada a tensões em torno da mudança relativa à norma conjugal da classe média; a queda brusca das taxas de natalidade tornou cada vez mais evidente que o leito conjugal se estava também a tornar um local de sexo não procriador, de intimidade pessoal e de crescimento individual. Por causa das suas implicações para a feminilidade normativa, o sexo não procriador no contexto do casamento mostrou-se tão perturbante para os vitorianos como a expansão do sexo comercial e as relações entre indivíduos do mesmo sexo fora da domesticidade heterossexual. Ao mesmo tempo em que aumentava entre a classe média o culto da domesticidade, celebrava-se a verdadeira mulher burguesa como mãe e negava-se insistentemente a sexualidade feminina não reprodutora. No decurso do século XIX este modelo classista de sexualidade feminina tornou-se cada vez mais somático, apoiado pela opinião das autoridades médicas, ansiosas por estender a sua autoridade cultural ao corpo da mulher. Embora os médicos discutissem o grau de passividade feminina, tinham, no entanto, tendência para atribuir à mulher respeitável uma sexualidade secundária, em segunda mão, subserviente do prazer masculino, sem autonomia própria, uma pálida imitação do desejo erótico masculino. (WALKOWITZ, 1991, p.404.)

No entanto, graças à difusão da imprensa e da alfabetização, nunca o público leitor teve tanto acesso a histórias "ligeiras", de pequenos folhetins eróticos e de relatos de certas façanhas inventadas ou reais. A sociedade das prostitutas foi muito diversificada, indo da simples mulher das ruas a mais sedutora das mulheres. Chega-se ao ponto de se afirmar que a prostituição era a contrapartida indispensável da solidez da família, nascida de um casamento racional que unia um homem sensual e uma esposa educada no desprezo ao ato sexual, e que se baseava num código de relações em que os papéis eram cuidadosamente distribuídos entre o marido-mantenedor e a esposa-dona-de-casa; a célula familiar só se sustentaria porque os homens à procura de prazer poderiam entregar-se a prazeres "condenáveis" na rua, para serem apenas adoráveis pais

e esposos em casa. De acordo com alguns autores, é por isso que se diz muitas vezes que a era vitoriana (ou albertiana)² foi a era da hipocrisia.

Neste contexto em que acontecia uma revolução no pensamento vitoriano, no que diz respeito à economia liberal, a política imperialista e questões sociais contraditórias, levando em conta movimentos operários e teorias liberais, nos deparamos com a imposição de uma moralidade contraditória a uma evolução no que diz respeito à sexualidade, ao casamento, a família e principalmente a mulher.

Desta forma, Londres vivendo todas as contradições que uma modernidade pode causar, bem como o crescimento do mundo literário, tende-se a construir uma justificativa para as questões vivenciadas no momento. Uma das formas é o retorno à interpretação da literatura clássica, principalmente no que diz respeito a Roma Clássica, em que foram redesenhadas para ajudar a definir as idéias da origem inglesa e a justificativa do imperialismo britânico.

O conceito de "Romanização" aparece como problema central, no século XIX, em estudos realizados, a princípio, por Theodor Mommsen (FREEMAN, 1997, P. 23), sendo marcado pela idéia, de um lado, da superioridade cultural romana sobre culturas "indígenas" e, de outro, da existência de uma possível cultura romana homogênea imitada por povos autóctones. (HUSKINSON, 2000, p. 20) A partir do século XIX, concomitante aos estudos de Mommsen, inicia-se a compilação do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL, desde 1868), o qual além de prover fontes para o estudo do mundo romano, e deste processo de romanização, colabora em parte, com novas evidências para a nascente ciência da Arqueologia preocupada *com a emergência política da questão das identidades nacionais*. (OLIVIER, 1997, p. 243) Aqui a cultura material ainda é confundida com as noções de "civilização", (PESEZ, 1993, p. 178) não se separando de seu objeto de investigação; de seu projeto de busca/criação destas identidades orgânicas, estabelecendo no passado da Antigüidade romana, as origens de uma determinada noção de "povo". (GONÇALVES, 2000-2001, p. 77)

Como já foi dito, Roma teve um lugar especial na definição da História e do pensamento europeu. Sua capacidade de prover imagens múltiplas, mutáveis e conflituosas foi quase ilimitada; isto a tornou uma fonte rica para dar sentido - e para desestabilizar - a História, a política, a identidade, a memória e o desejo. (HINGLEY,

² De acordo com alguns historiadores, o príncipe Alberto contribuiu mais para a definição da moral vitoriana, do que sua esposa, então mais tolerante, realista e mais atenta à procura do lazer e do prazer, que o príncipe Alberto.

2002, p. 29.) No caso, é a este último que voltaremos nossa atenção. Muitos autores romanos clássicos foram lidos neste momento para dar legitimidade a uma possível herança imperial romana aos britânicos. E as questões relacionadas à sexualidade e ao amor dos romanos, como foram interpretadas pelos vitorianos?

Durante o século XIX, uma tradição de pensamento conhecida pelo nome de *Culture and Society* emerge na Grã-Bretanha, impulsionada pelas figuras intelectuais do humanismo romântico. Para além de suas divisões ideológicas, essas figuras têm em comum o fato de denunciarem os estragos da “vida mecanizada” como efeito da “civilização moderna”. A identidade nacional é então confrontada com o triunfo de uma *middle class* que desqualificou a arte como ornamento não-rentável, com a perda de influência da aristocracia hereditária e com a irrupção das classes populares. O conceito de cultura se torna a pedra de toque de uma filosofia política e moral. A literatura se torna seu símbolo vetor. A freqüentação das obras é tida como capaz de modificar o horizonte de sensibilidade de uma sociedade presa à ideologia do “feito”. (MATTELART, 2004, p.19.)

Uma característica da literatura vitoriana é seu objetivo altamente moral, aliado a uma técnica romântica: a linguagem é rica e bastante ornamental. (BURGESS, 1996, p. 215.) Neste sentido, surge o homem de letras como herói, visto como “um produto das novas eras” conforme Thomas Carlyle (1795-1881). Ele era convicto de que a história universal consiste essencialmente na compilação das biografias dos heróis, de que ela é o resultado material dos pensamentos dos grandes homens providenciais, aptos a recriar uma “nova alma do mundo”, a fim de deter a crise de civilização precipitada pela marcha forçada rumo a uma industrialização precoce. (MATTELART, 2004, p. 20). Tendo em vista este contexto literário, torna-se compreensível a recepção tida por Ovídio no círculo literário vitoriano.

De acordo com Norman Vance (VANCE IN: MARTINDALE, 1988, p. 215.), no século XIX, o prestígio de Ovídio caiu a níveis muito baixos. Segundo ele, esta generalização quanto ao prestígio de Ovídio é plausível principalmente se considerarmos a sombra que Homero e os Eruditos gregos revitalizados lançaram sobre quase toda a poesia latina nesse período, no entanto, isso não é inteiramente verdadeiro e se aplica muito ao século XIX. A aprovação da crítica com relação a Ovídio, nunca foi universal e mesmo na Antigüidade e nos meados do séc. XVIII, o entusiasmo por ele parece que foi esmorecendo. Por outro lado, Ovídio continuou a ser parte do que

qualquer aluno conhecia, o ponto de partida do aprendizado do início da poesia latina e parte do pensamento da época e sentimentos expressos por escritores e pintores.

Outro problema é a desintegração de Ovídio no século XIX. Sua poesia e o poeta se afastaram muito do conhecimento popular. Ovídio, o libertino, o sofisticado, o diplomata do cerco do amor, que tinha a tendência de se distinguir do Ovídio das quase desconhecidas fontes mitológicas. Isso também produziu um infeliz e curioso efeito de tornar Ovídio simultaneamente detestável como personalidade e quase invisível como poeta, muitas vezes identificado como um Byron Romano. No entanto, devido a esta comparação, mais biográfica que textual que Byron atraiu os leitores do séc.XIX.

Até mesmo o próprio Byron incentivava essa identificação. Exatamente como a *Ars Amatoria* foi considerada entre outras coisas, como um “burlesco” poema didático latino, assim *Don Juan* “irreverentemente encarna um zeloso e sombrio, moralmente impecável, e longo poema do início do séc.XIX: *Agora, se meu Pégasus não manquitolar, esse poema tornar-se-á um modelo moral (...)* promete ele”. (VANCE, IN: MARTINDALE, 1988, p.217).

Com a “língua afiada”, Byron denuncia os perigos morais associados com a atratividade exercida pelos versos de amor sensual escritos por Ovídio, (*D.Juan* V i 2). “Ovídio é um libertino, como metade de seus versos demonstram (...)”, nos informa ele, fingindo simpatizar com o dilema da mãe de D.Juan enquanto ela busca fornecer a seu filho uma educação que seja tanto estritamente moral quanto estritamente clássica. O problema se resolve quando se usa edições expurgadas de todas as passagens consideradas indecentes que são convenientemente coletadas no final. Mas, conforme alguns historiadores da literatura, a história das aventuras de *D.Juan* de Byron pode ser chamada de uma exploração da *Arte de Amar*.

Assumindo o papel de alguém mundialmente experimentado nos assuntos do coração, um papel que Ovídio há muito já desempenhava até a perfeição, Byron aconselha moderação no amor:

‘Em resumo, a máxima para a tribo do amor é Horaciana, *‘medio tu tutissimos ibis’*. (*D. Juan* VI, XVIII, 7.)

De acordo com Vance (IN MARTINDALE, 1988, 217), é possível que Byron tenha cometido um deslize acidental, pois, moderação é um tema Horaciano e a expressão ‘meio dourado’ vêm de uma frase de Horácio, mas é muito mais provável que

ele espere que notemos que isso é uma etiqueta de Ovídio atribuída a Horácio para vestir a perspicácia “cínica” de Ovídio como sabedoria de Horácio.

Pode ser uma coincidência que Júlia, a primeira amante de D.Juan, tenha o mesmo nome que a filha, considerada adúltera do Imperador Augusto, tradicionalmente, bem como erroneamente, identificada como a amada de Ovídio e a Corina de *Amores*. Por outro lado, a Júlia de Byron, inspira paixões um pouco confusas num jovem “em sentimentos rápidos como os da Senhora Medeia de Ovídio” (*D. Juan* II, XXXVI, 4). Byron deve ter sabido que na Renascença, a Júlia, esta personagem histórica, aproveitou-se da proeminência literária tão merecida como a *femme fatale* de Ovídio³. A novela em verso de Browning “The Ring and the Book” possui também alguns elementos ovidianos, no que diz respeito à conspiração do poder político e sexo ilícito.⁴

Genericamente falando, nas palavras de Norman Vance, Ovídio era considerado como um degenerado e numa idade de degeneração, o frívolo autor do 'poema mais imoral jamais escrito'. Pode-se ser tentado a culpar pela lenda persistente de Ovídio como libertino, o entusiasmo do séc. XIX por biografias moralizantes como sendo a melhor maneira de entender tudo. Carlyle, como dito anteriormente, havia ensinado que a história do mundo nada mais era do que a biografia de grandes homens. Nesse clima, era quase inevitável que Ovídio devesse aparecer como poeta romântico ou banido⁵ com justiça por causa de um livro “iníquo” e provavelmente pela vida “iníqua” que o capacitou a escrevê-lo.

Ovídio continuou a ser uma influência importante como base para a literatura do séc. XIX, mas sua reputação ruim o manteve longe dos palcos. Ovídio era o poeta experimentado no amor que sabia tudo sobre mulheres abandonadas e as “vergonhosas” experiências da velha mitologia. Muito do material mitológico utilizado em poemas de autores do século XIX, é silenciosamente tomado emprestado de *Metamorfosis*.

³ O poema neoplatônico de George Chapman ‘*O banquete dos sentidos de Ovídio*’ (1595) apresentou Ovídio como observador oculto saturando seus sentidos no espetáculo de Júlia banhando-se e brincando com seu alaúde e o *Poeta Ster* de Ben Jonson (1602) usou o perigoso amor de Júlia e Ovídio como evento secundário.

⁴ O conde Guido, um nobre empobrecido, casa-se com uma rica donzela por seu dinheiro que, afinal, revela não tê-lo. Então ele a perturba até que um jovem cônego a salva de seu marido, somente para ser exilado por adultério. Guido então contrata uns capangas e assassina sua esposa. BROWNING, Robert. “XI. Guido”. *The Ring and the Book*. Kessinger Publishing, pp.525-593.

⁵ Os Atenenses utilizavam o termo “ostracismo”. A palavra “exílio” é utilizada no período moderno, neste caso, optei pelo termo “banido” para me dirigir a sociedade romana.

Ovídio foi parte da consciência literária Vitoriana e Romântica, mas em partes descartáveis e convenientes.⁶ Poetas, pintores e escritores de peças líricas, todos encontraram em Ovídio um recurso imaginativo útil que raramente reconheceram. O tempo que devora a todas as coisas, como nos diz Ovídio (*Metamorfosis* 15.234) não destruiu o Ovídio do séc. XIX. Ele o transformou como sua Aretusa⁷ foi transformada numa fonte para que os passantes pudessem beber quase sempre sem reconhecer a fonte.

⁶ John Butt faz referência ao estudo da variedade de gênero poético de Ovídio, analisada por Pope, além de mostrar as imitações de Ovídio e Tibulo em *Eloísa to Abelard*, e *Elegy to the Memory of an Unfortunate Lady*. (BUTT, John. *The Augustan Age*. London: Hutchinson's University library, 1950, pp. 61-62)

⁷ Ninfa que Diana transformou em fonte para livrá-la da perseguição de Alfeu.